



O estudo da paisagem nos anos iniciais e a geovisualização: um olhar pela teoria histórico-cultural

Rubiane da Silva Moreira¹

Paula Cristiane Strina Juliasz²

Este artigo tem o objetivo analisar a contribuição da teoria da geovisualização para os subsídios epistemológicos e metodológicos para o ensino de Geografia, a partir da categoria paisagem nos anos iniciais, mobilizando as funções psíquicas superiores, e a produção e interpretação de mapas.

Ao deparar-se com o mundo, o sujeito percebe sua aparência imediata, na forma como a realidade se apresenta. Neste mosaico de volumes, cores, movimentos, odores, sons, texturas e cheiros, a paisagem expressa sua forma e conteúdo, mas também o tempo e os processos sociais e históricos que se acumulam e se sobrepõem em seus elementos (FURLAN, 2019). Este mosaico necessita de uma compreensão em sua totalidade, ao passo que as especificidades também passam a fazer parte da análise com base na relação espaço-tempo, pois a paisagem passa a revelar traços da essência da produção do espaço. Nesta perspectiva, a linguagem cartográfica pode ser uma aliada para essa análise, considerando a mudança de pensamento e construção conceitual.

O estudo da paisagem por meio dos mapas e croquis, por exemplo, cria condições para o desenvolvimento e análise dos elementos que constituem a paisagem, buscando a essência de sua constituição. Para tal, a Teoria da Geovisualização apresenta-se como possibilidade metodológica de trabalho com os mapas, pois além de se considerar os processos cognitivos estabelecidos a partir do contato visual com os objetos cartográficos, também traz reflexões sobre a elaboração dos mapas, enquanto objetos sociais.

Ao tratar da cognição visual, MacEachren (2004) afirma que os esquemas de conhecimento pré-existent mediam a descrição visual e a memória de longo prazo, questionando e modificando-os, ou construindo novos esquemas. A partir de Vigotski, entendemos que é central na escolarização trazer uma estrutura sistemática de conceitos científicos junto aos conceitos cotidianos concretos e não sistematizados que a criança traz a escola. Assim, ao ler e interpretar, ou ao construir seus próprios mapas, as estruturas do psiquismo humano se alteram, e com elas as funções psíquicas superiores.

¹ Mestranda em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. E-mail: rubiane.moreira@usp.br

² Professora Doutora do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. E-mail: paulacsj@usp.br



Neste ensaio teórico relacionamos modelo “Cubo” proposto por MacEachren (1994) e o desenvolvimento do psiquismo humano, com base na Teoria Histórico-Cultural, e com as práticas de alfabetização cartográfica. Deste modo, o desenvolvimento deste psiquismo ocorre de forma análoga aos eixos do cubo: a) “público-privado”, relacionado à formação das funções psíquicas superiores na elaboração e leitura e interpretação de mapas; b) “apresentando o conhecido-revelando o desconhecido”, a partir dos conceitos de Nível de Desenvolvimento Atual, Zona de Desenvolvimento Iminente e Mediação; c) “interação alta-baixa”, a partir do conceito de internalização e da apropriação da linguagem cartográfica. A conexão entre esses conhecimentos traz a oportunidade de ressignificar as práticas dos professores e abrir novos horizontes teórico-metodológicos no trabalho da cartografia com crianças.

Palavras-chave: Paisagem. Geovisualização. Cartografia Escolar. Psicologia Histórico-Cultural.

